



# Livre Arbítrio

virtudes

# Reflexão

Arbítrio

# Mente

## Planos de aula



**Squire Family Foundation**  
Instituição financiadora do projeto

**Johns Hopkins – Center for Talented Youth**  
Instituição parceira criadora do material

**Claretiano – Centro Universitário**  
Instituição parceira responsável pela divulgação do material no Brasil



**SQUIRE FAMILY  
FOUNDATION**  
*Advancing Philosophy Education*

#### **ORGANIZAÇÃO DA EDIÇÃO BRASILEIRA**

**Organizador:** Edson Renato Nardi

#### **CORPO TÉCNICO EDITORIAL DO CLARETIANO - CENTRO UNIVERSITÁRIO**

**Gerente de Material Didático:** Rodrigo Ferreira Daverni

**Preparação:** Aline de Fátima Guedes • Camila Maria Nardi Matos • Carolina de Andrade Baviera • Cátia Aparecida Ribeiro • Elaine Aparecida de Lima Moraes • Josiane Marchiori Martins • Lidiane Maria Magalini • Luciana A. Mani Adami • Luciana dos Santos Sançana de Melo • Patrícia Alves Veronez Montera • Simone Rodrigues de Oliveira

**Revisão:** Eduardo Henrique Marinheiro • Filipi Andrade de Deus Silveira • Rafael Antonio Morotti • Vanessa Vergani Machado

**Projeto gráfico, diagramação e capa:** Bruno do Carmo Bulgarelli • Joice Cristina Micai • Lúcia Maria de Sousa Ferrão • Luis Antônio Guimarães Toloí • Raphael Fantacini de Oliveira • Tamires Botta Murakami

**Videoaula:** André Luís Menari Pereira • Bruna Giovanaz • Gustavo Fonseca • Marilene Baviera • Renan de Omote Cardoso

#### **INFORMAÇÕES GERAIS**

Título: Plano de Aula - Livre Arbítrio

Formato: 210mm x 297mm

Páginas: 23 páginas

Edição: 1ª

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Johns Hopkins – Center for Talented Youth e Squire Family Foundation – Advancing Philosophy Education

**Copyright © Johns Hopkins – Center for Talented Youth e Squire Family Foundation – Advancing  
Philosophy Education**

2020 Claretiano – Centro Universitário  
Todos os direitos reservados.



# SUMÁRIO

---

## CONTEÚDO

<b>DIA 1 – INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
1. PENSAR – ESCRITA INDIVIDUAL (5 MIN) .....	6
2. DISCUTIR – EM PARES (10 MIN).....	6
3. COMPARTILHAR – OS PARES EXPÕEM PARA A CLASSE (10 MIN) .....	7
4. DISCUSSÃO GUIADA: RESPONSABILIDADE MORAL (15 MIN) .....	7
<b>DIA 2 – DETERMINISMO RADICAL</b> .....	<b>8</b>
1. REVISÃO.....	8
2. O PROBLEMA DO LIVRE-ARBÍTRIO .....	8
3. DETERMINISMO RADICAL .....	10
4. DISCUSSÃO .....	12
<b>DIA 3 – COMPATIBILISMO</b> .....	<b>13</b>
1. COMPATIBILISMO .....	13
2. SOLICITAÇÃO DE ESCRITA.....	14
3. AUTOCOMPATIBILISMO PROFUNDO .....	14
4. OBJEÇÕES AO COMPATIBILISMO .....	15
<b>DIA 4 – LIBERTARIANISMO</b> .....	<b>16</b>
1. LIBERTARIANISMO .....	16
2. RESUMO DO LIVRE-ARBÍTRIO.....	17
3. PREPARAÇÃO DO DEBATE.....	18
<b>DIA 5 – CONCLUSÃO</b> .....	<b>19</b>
1. DEBATE .....	19
2. DEBATE .....	19
<b>ANEXO</b> .....	<b>20</b>

# PLANOS DE AULA

Esta série de planos de aula de Filosofia é composta pelos seguintes módulos:

Ética

Ética Aplicada

Epistemologia

Estética

Filosofia da Religião

Filosofia Política

**Livre Arbítrio**

Filosofia da Ciência

Método Filosófico

Identidade Pessoal

Filosofia da Mente



# APRESENTAÇÃO

*“O homem pode fazer o que quiser, mas não pode querer o que quer”.*

(Arthur Schopenhauer, *Ensaaios e Aforismos*)

Um dos grandes temas presentes nas reflexões filosóficas a respeito da ética refere-se à capacidade de o indivíduo ser ou não ser responsável pelas decisões que toma. Ao longo da história da filosofia, um profícuo debate se estabeleceu sobre esse tema e as abordagens referentes a ele, e as respostas apresentadas foram as mais variadas.

De um lado temos os incompatibilistas, que adotam o posicionamento de que o livre arbítrio e o determinismo são logicamente incompatíveis e, do outro, temos os compatibilistas, filósofos que expressam a convicção de que o determinismo é compatível com o determinismo.

A escolha realizada diante de um desses posicionamentos pode alterar, profundamente, a visão que temos a respeito do indivíduo, as decisões que toma e as responsabilidades que podem ou não ser atribuídas a essas decisões.

Ao longo desse conjunto de aulas, é proposto pelos seus criadores que se apresente esse tema aos alunos e se discuta as fragilidades e qualidades de cada uma dessas posições. Para dar conta desse objetivo, trazem como tema para discussão, logo na primeira aula, o estudo de caso do assassino norte-americano Robert Alton Harris.

Como esse caso não é conhecido aqui no Brasil, optei por criar um anexo, logo após o término das aulas, onde se apresenta algumas informações cruciais a respeito desse indivíduo e algumas informações referente a sua infância, que foram utilizadas pelo texto originariamente sugerido, para suscitar o debate.

Por meio dessa ação, espero contribuir para que se mantenha os elementos centrais no qual se assenta a estratégia didática produzida pelos seus formuladores.

Termino esta breve apresentação manifestando o meu desejo de que esse plano de aula possa contribuir, positivamente, para sua atuação docente e que os debates advindos dessa aplicação possam aguçar o interesse de seus alunos a respeito desse tema!

Prof. Dr. Edson Renato Nardi

Coordenador do curso de Filosofia do Claretiano – Centro Universitário

*E-mail:* filosofia.ead@claretiano.edu.br

As leituras propostas neste módulo estão em sua versão original, em inglês, devido à falta de uma versão traduzida e à especificidade do tema. Assim, contamos com sua experiência profissional e com suas pesquisas para possíveis adaptações, visando sempre ao melhor aproveitamento deste conteúdo por parte do aluno.

## DIA 1 – INTRODUÇÃO

Conteúdo:	Método:
1. Reflexão acerca de crenças sobre a responsabilidade moral.	1. Leitura em classe (10 min) e exercícios Pensar/Discutir/Compartilhar (25 min).
2. Discussão introdutória sobre a responsabilidade moral.	2. Discussão guiada sobre a responsabilidade moral (15 min).

### Orientações ao professor

O objetivo de hoje é fazer com que os estudantes reflitam sobre seus pensamentos a respeito do que é necessário para a responsabilidade e o agir moral, além de criar as condições de uma introdução mais formal para o problema do livre-arbítrio.

### Objetivos e conceitos-chave

- Estudantes deveriam ser capazes de expressar suas crenças a respeito da responsabilidade moral.
- Estudantes deveriam considerar condições mais específicas para a responsabilidade moral e começar a pensar sobre como estas estão relacionadas com o livre-arbítrio.
- Conceito-chave: responsabilidade moral.

### Aquecimento

1. Leitura em classe: "Robert Harris" (10 min). Os estudantes devem ler o artigo "Robert Harris", de Miles Corwin (originalmente publicado no *Los Angeles Times*). (O professor pode sugerir esta leitura como dever de casa).
2. Atividade: o que é necessário para a responsabilidade moral?

### 1. PENSAR – Escrita Individual (5 min)

1. Robert Harris é responsável por ser um assassino?
2. Responsabilizaríamos alguém que é insano ou ainda uma criança por um crime? E quanto a uma pessoa que sob a mira de uma arma de fogo é forçada a causar dano a alguém?
3. O que é necessário para pensar que alguém é moralmente responsável por uma ação?

### 2. DISCUTIR – Em pares (10 min)

Peça aos alunos que comparem suas respostas às questões anteriores. Comece a formular com eles que condições são necessárias para pensar que alguém é moralmente responsável por seus atos.

### 3. COMPARTILHAR – Os pares expõem para a classe (10 min)

---

Cada dupla descreve suas condições para a responsabilidade moral. Isto deve naturalmente levar à discussão guiada a seguir.

### 4. DISCUSSÃO GUIADA: RESPONSABILIDADE MORAL (15 min)

---

Lidere uma discussão guiada sobre o que é necessário para uma pessoa ser moralmente responsável por uma ação. O principal ponto a se chegar é que a pessoa precisa ter sido capaz de agir de outro modo.

Existem muitas variáveis a se considerar que poderiam interferir em alguém sendo genuinamente capaz de agir de maneira diferente. Por exemplo, alguém poderia ser forçado a fazer algo estando rendido sob a mira de uma arma de fogo. Ainda assim, seria possível argumentar que a pessoa poderia ter escolhido ser morta ao invés de agir como ordenada. A maioria das pessoas, no entanto, concordará que esse tipo de coerção exime da responsabilidade pela ação. Outras circunstâncias que poderiam tornar alguém isento de responsabilidade seriam insanidade, doença ou a ignorância de uma criança que ainda não sabe o que é certo ou errado. O caso de Robert Harris traz ao foco a hereditariedade e o ambiente como fatores que poderiam possivelmente eximir alguém de responsabilidade. Se a hereditariedade e o ambiente formaram o caráter de alguém de modo que seja propenso a agir de certa maneira, caberia dizer que não poderia razoavelmente ser esperado que fosse capaz de agir de outro modo. Outro exemplo é que estudos têm mostrado que pessoas que foram abusadas quando crianças frequentemente abusam de seus filhos quando adultos.

Para preparar o tópico do dia 2 (em que o determinismo causal será o possível impedimento à habilidade de agir diferente), poderia também ser conveniente propor a questão do destino – se alguém é destinado ou predeterminado a fazer algo, seria responsável pela ação? Isto poderia ser discutido em termos religiosos para tornar o debate plausível, visto que muitas religiões pregam que Deus sabe de antemão o futuro de todos (e que o livre-arbítrio é um tópico que gera algum debate e discussão em muitas delas).

#### **Dever de casa**

RAUHUT, Nils Ch. *Ultimate Questions: thinking about philosophy*. 3. ed. [SI]: Pearson, 2010. p. 77-88. Já que esse é um livro de leitura fácil, nenhum guia de leitura se faz necessário.

## DIA 2 – DETERMINISMO RADICAL

Conteúdo:	Método:
1. Revisão (2 min)	1. Palestra
2. Determinismo causal e o problema do livre-arbítrio (30 min): Palestra (10 min), Atividade (10 min), Palestra (10 min)	2. Atividade em pequenos grupos
3. O caso do determinismo radical (10 min)	3. Palestra
4. Discussão: a sociedade deveria punir criminosos? (8 min)	4. Discussão

### Orientações ao professor

Os objetivos de hoje são explicar o problema do livre-arbítrio e introduzir a primeira posição que alguém pode ter diante dele, Determinismo Radical. De fato, a estratégia será basicamente fazer com que os estudantes vejam o problema do livre-arbítrio, argumentando pelo Determinismo Radical. Diferente das posições anteriores, críticas específicas do Determinismo Radical não serão apontadas nesta lição, visto que ao criticar o Determinismo Radical as pessoas frequentemente argumentam por uma das outras posições em vez de apontar falhas nele.

### Objetivos e conceitos-chave

- Os estudantes devem entender o problema do livre-arbítrio e sua importância.
- Os estudantes devem entender a posição do Determinismo Radical e seu argumento geral.
- Os estudantes devem entender o leque de respostas possíveis ao problema do livre-arbítrio, incluindo Compatibilismo (Determinismo Moderado) e Libertarianismo.
- Conceitos-chave: livre-arbítrio (princípio do livre-arbítrio, problema do livre-arbítrio), determinismo (causal), Indeterminismo, Determinismo Radical, Incompatibilismo, Compatibilismo, Determinismo Moderado, Libertarianismo.

### 1. REVISÃO

Brevemente peça aos estudantes para recapitular os pontos principais da discussão de ontem das circunstâncias sob as quais as pessoas podem ter ou não responsabilidade moral. Assegure que a frase “poderia ter feito de outro modo” seja dita.

### 2. O PROBLEMA DO LIVRE-ARBÍTRIO

#### Palestra

Primeiro lidere uma palestra interativa para introduzir o problema do livre-arbítrio. Explique que queremos pensar se os requisitos para que uma pessoa seja moralmente responsável podem ou não ser alcançados – se em algum momento realmente poderíamos ter feito de outra maneira.

A maioria das pessoas tem fortes intuições de que os dois princípios que se seguem são verdade:

1. Livre-arbítrio – escolhemos nossas ações.
2. Determinismo (ou determinismo causal) – todos os eventos são determinados de maneira causal.

Por livre-arbítrio queremos dizer, basicamente, que nos parece que decidimos genuinamente quais ações faremos – tipicamente, isto nos leva a pensar que também somos moralmente responsáveis por nossas ações, mas não nos adiantemos.

O determinismo causal não é totalmente óbvio, porém, basicamente é a teoria de que o passado determina o futuro. Se acreditamos nas leis da ciência, torna-se um tanto intuitivo. Determinismo não significa que, em um nível pessoal, nós não contemplemos nossas decisões ou sintamo-nos compelidos a fazer algo. No entanto, dadas nossas experiências passadas, fica determinado que façamos uma escolha particular – veja alguns exemplos na leitura de Rauhut. Assim, não perdemos nosso senso de liberdade mesmo que nosso futuro esteja determinado.

Mas alguma reflexão leva-nos a pensar que, se o determinismo está correto, e parece estar, essa sensação de liberdade é apenas uma ilusão. Claro, a sensação é de que estou decidindo, mas a decisão já foi determinada. Nesse caso, eu não tenho realmente livre-arbítrio (e não posso ser moralmente responsável por minhas ações). Este é o problema do livre-arbítrio – esses dois aparente e obviamente verdadeiros princípios parecem ser incompatíveis entre si.

De fato, Incompatibilismo é o nome para a visão de que os dois princípios estão genuinamente em conflito entre si. Por outro lado, Compatibilismo é a visão de que esses princípios podem coexistir, que a aparente contradição entre eles é uma confusão semântica. Exploraremos o leque de respostas possíveis ao problema do livre-arbítrio em breve. Primeiro, entretanto, note que chegamos neste ponto aceitando intuitivamente ambos os princípios, e então refletindo o suficiente para percebermos que o determinismo sendo verdade parece nos levar a pensar que o princípio do livre-arbítrio é ilusório. E o determinismo ainda parece perfeitamente plausível. Em outras palavras, uma primeira revisão natural das nossas intuições é aceitar o princípio do determinismo e rejeitar o princípio do livre-arbítrio. Esta é essencialmente a posição do Determinismo Radical. Neste sentido, é a argumentação pelo Determinismo Radical que nos leva a reconhecer o problema do livre-arbítrio.

## **Atividade**

Divida a classe em pequenos grupos. Peça a cada grupo para tentar solucionar quais as respostas possíveis para o problema do livre-arbítrio. Eles podem não saber os nomes das posições, porém, trabalhando pelas possibilidades (aceitar um princípio e rejeitar outro, depois alternar isso, tentar reconciliá-los, possivelmente rejeitar ambos), eles devem ser capazes de alcançar as posições gerais e entender suas implicações. Esse grupo deveria romper a palestra, permitir que tenham um entendimento mais profundo das possíveis posições (visto que as descobriram por sua própria iniciativa), e ser um bom exercício de raciocínio lógico/filosófico.

## **Palestra**

Tendo completado a atividade de trabalho em grupo, pode-se, obviamente, tornar esta uma palestra bastante interativa, pedindo aos estudantes para contribuir com as possíveis respostas ao problema do livre-arbítrio que acabaram de trabalhar (novamente, o problema do livre-arbítrio é a aparente incompatibilidade entre o princípio do livre-arbítrio e o do determinismo). Podemos meio que olhar as possíveis respostas como uma forma de gráfico de fluxo (há um bom diagrama de árvore de decisões na página 80 no texto de Rauhut). Primeiro, precisamos decidir se os dois princípios realmente são incompatíveis. Se pensarmos que são, como *prima facie* (à primeira vista) parece ser o caso, então estamos no território do Incompatibilismo, que diz que o livre-arbítrio pode existir apenas se o determinismo é falso, já que não podemos acreditar consistentemente em ambos princípios. Se aceitarmos o determinismo, devemos

rejeitar o princípio do livre-arbítrio. Essa posição é o Determinismo Radical. Nessa visão, o futuro é determinado causalmente pelo passado e o livre-arbítrio é uma ilusão. Por outro lado, podemos rejeitar o princípio do determinismo. Aqui na verdade temos duas escolhas. Uma é simplesmente dizer que nem todos eventos são causalmente determinados, de modo que o passado tem apenas uma influência limitada no futuro e, portanto, o futuro não é determinado e fixado pelo passado. Podemos chamar essa posição Indeterminismo. Como veremos a seguir, isto, na verdade, não nos faz muito bem, já que apenas introduzir a aleatoriedade não nos leva ao livre-arbítrio. Em certo sentido, isto é apenas abrir mão de ambos os princípios, o que não é muito satisfatório. A última opção no lado do Incompatibilismo é rejeitar o princípio do determinismo e abraçar o princípio do livre-arbítrio. Essa posição é conhecida como Libertarianismo. Libertários creem que agentes têm poderes causais especiais que dão a eles controle sobre ações indeterminadas. Em outras palavras, pessoas são especiais, diferentemente de outras coisas, e podem iniciar ou causar ações.

Se voltarmos ao início, a outra decisão que podemos tomar é argumentar que os princípios do livre-arbítrio e do determinismo são efetivamente compatíveis entre si. Essa posição geral é por isso chamada Compatibilismo (algumas vezes também chamada de Determinismo Moderado). Compatibilistas argumentam que a aparente incompatibilidade entre os princípios é uma confusão semântica, e que pode haver livre-arbítrio mesmo que o futuro seja determinado pelo passado; Determinismo é compatível com livre-arbítrio e responsabilidade. Grosseiramente, um ato pode ser livre se é causado de forma correta, onde a última coisa na corrente causal é a vontade da pessoa. Existem duas formas de Compatibilismo. O Compatibilismo Tradicional diz que atos são livres enquanto o agente puder fazer o que ele ou ela deseja sem ser restringido por forças externas (tal como coerção). O Autocompatibilismo Profundo sustenta que um agente é livre se ele ou ela age sob a vontade do que ele ou ela verdadeiramente desejam agir. (Os detalhes dessas posições além do Determinismo Radical serão cobertos nas próximas lições).

Portanto, temos as seguintes posições principais que filósofos podem sustentar em resposta ao problema do livre-arbítrio:

- 1.** Determinismo Radical: aceita o princípio do determinismo (com uma qualificação sobre a aleatoriedade que será explicada a seguir) e rejeita o princípio do livre-arbítrio. Livre-arbítrio é uma ilusão, e pessoas não são (nunca) moralmente responsáveis por suas ações.
- 2.** Libertarianismo: aceita o princípio do livre-arbítrio e rejeita o princípio do determinismo. Agentes possuem poderes especiais de causar ações e, portanto, pessoas são (geralmente) moralmente responsáveis por seus atos.
- 3.** Compatibilismo (ou Determinismo Moderado): aceita ambos os princípios do determinismo e do livre-arbítrio. Pessoas são determinadas a agir conforme agem, mas isso é na verdade compatível com o livre-arbítrio e a responsabilidade moral.

O Determinismo Radical e o Libertarianismo são agrupados como visões incompatibilistas, mesmo que terminem como extremos opostos em termos de consequências, pois concordam que os princípios do livre-arbítrio e do determinismo são incompatíveis.

### 3. DETERMINISMO RADICAL

---

Como descrito anteriormente, Deterministas Radicais aceitam o determinismo e concordam que o futuro sendo determinado pelo passado é incompatível com o livre-arbítrio. Portanto, eles argumentam, a crença no livre-arbítrio é como acreditar no Papai Noel; é uma ilusão infantil. O caso para o Determinismo Radical gira em torno da causalidade.

Em geral, pessoas acreditam que eventos particulares causam outros eventos. É como uma fileira de dominós. O primeiro a cair provoca a queda do segundo, o que causa a queda do terceiro, e assim por diante. Quando se trata de causalidade, 1) a causa de um evento acontece antes do efeito; e 2) uma vez que a causa aconteceu, o efeito tem que acontecer também. É

assim que eventos passados dão forma ao futuro. Então são nossas ações causadas também? Certamente parece ser o caso. Nossas personalidades são causadas pela genética e por nossas experiências passadas. Respondemos a estímulos. E em geral, tendemos a pensar que há sempre causas para eventos. Se um avião colide, podemos não saber o motivo imediatamente, assumimos que há uma causa. Há um princípio filosófico, o princípio de razão suficiente, que afirma que qualquer coisa que acontece o faz por um motivo definido.

Portanto, temos o seguinte argumento para o Determinismo Radical:

- Todos os eventos têm causas.
- Todas nossas ações são eventos.
- Todos os eventos causados são determinados pelo passado.

**1.** Assim:

- Todas nossas ações são determinadas pelo passado.
- Se todas as nossas ações são determinadas pelo passado, então nós não temos poder para agir de modo diferente do que realmente agimos.
- Se não temos poder para agir de modo diferente do que de fato agimos, então não temos livre-arbítrio.

**2.** Assim:

- Não temos livre-arbítrio.

Podemos evitar o Determinismo Radical através do Indeterminismo? Alguns estudantes podem sugerir que a física moderna (física quântica em particular) é indeterminística. Portanto, talvez o princípio do determinismo não seja estritamente verdadeiro, salvo pelo livre-arbítrio. Infelizmente, isto não é o que queremos. Suponha que meu braço às vezes se move indeterminadamente – aleatoriamente, nada causando os movimentos. Se esse espantoso desenvolvimento fosse verdade e meu braço em algum momento aleatoriamente pegasse um taco e batesse na cabeça de um espectador com ele, não diríamos que eu seria responsável. Ninguém deveria ser responsabilizado por algo que acontece aleatoriamente. Apenas podemos realizar ações responsáveis agindo em bons motivos. Uma vez que podem haver bons motivos para pensar que há alguma indeterminância fundamental no mundo, nós podemos querer dizer que invés de ser estritamente determinístico, o mundo é mecanístico (segue leis científicas gerais, mas talvez com alguma aleatoriedade). Porém, no que diz respeito ao argumento pelo Determinismo Radical, isto não muda realmente as coisas.

Não existem críticas realmente específicas ao Determinismo Radical. No entanto, existe um argumento geral que é frequentemente usado contra ele:

- 1.** Se o Determinismo Radical é verdadeiro, então nós, pessoas, não temos livre-arbítrio.
- 2.** Se pessoas não possuem livre-arbítrio, então as pessoas não são responsáveis por suas ações.
- 3.** Pessoas são responsáveis por suas ações.
- 4.** Assim sendo:
- 5.** Determinismo Radical é falso.

Muitas pessoas acham esse argumento persuasivo. Porém como o argumento para o Determinismo Radical parece perfeitamente válido, o fardo de prover bons argumentos para uma visão alternativa recai sobre eles. São essas tentativas que serão abordadas nas duas próximas lições.

## 4. DISCUSSÃO

---

Lidere uma discussão guiada: suponha que os deterministas radicais estão corretos e o livre-arbítrio é uma ilusão. A sociedade deveria parar de punir as pessoas por crimes que eles cometem? Por que ou por que não?

### **Dever de casa**

RAUHUT, Nils Ch. *Ultimate Questions: thinking about philosophy*. 3. ed. [SI]: Pearson, 2010. p. 88-97. Já que este é um livro de leitura fácil, nenhum guia de leitura se faz necessário.

## DIA 3 – COMPATIBILISMO

Conteúdo:	Método:
1. Compatibilismo (20 minutos)	1. Palestra
2. Escrita (10 minutos)	2. Escrita
3. Autocompatibilismo Profundo (10 minutos)	3. Palestra
4. Críticas ao Compatibilismo (10 minutos)	4. Discussão

### Orientações ao professor

Esta lição tem o propósito de introduzir estudantes à solução ao problema do livre-arbítrio conhecida por Compatibilismo (conhecida também como Determinismo Moderado). Também cobre críticas ao Compatibilismo.

### Objetivos e conceitos-chave

1. Os estudantes devem entender o Compatibilismo, incluindo argumentos a favor e críticas contrárias.
2. Os estudantes devem entender e ser capazes de articular a diferença entre Compatibilismo Tradicional e Autocompatibilismo Profundo.
3. Conceitos-chave: Compatibilismo, Compatibilismo Tradicional, Autocompatibilismo Profundo.

### 1. COMPATIBILISMO

Compatibilismo é a posição na qual o princípio do livre-arbítrio e do determinismo, apesar de aparentemente inconsistentes entre si, são na verdade compatíveis; isto é, compatibilistas aceitam ambos os princípios como verdadeiros. Se nossas ações são determinadas por eventos passados, como essas ações podem ser livres? Existem diferentes versões do Compatibilismo com diferentes argumentos. Mas em geral, compatibilistas sugerem que as pessoas estão geralmente confundidas sobre o que o livre-arbítrio (ou liberdade) realmente significam. Ações são o resultado de nossa própria liberdade de arbítrio e somos responsáveis por elas se são determinadas por uma cadeia de causas desde que a última causa na cadeia conduzindo à ação seja a própria vontade do agente (o que a pessoa almeja) sem restrições externas. Em outras palavras, podemos pensar no princípio do determinismo como nos indicando que para cada evento podemos traçar uma corrente, ou mais propriamente uma rede, de causas anteriores conduzindo ao evento. Quando se trata de ações humanas, geralmente existe uma rede de causas que formam o caráter e a personalidade da pessoa. Então, quando há um estímulo, como a necessidade de tomar uma decisão, a pessoa age mecanicamente de acordo com seu caráter e sua personalidade – sua vontade. Portanto, a vontade própria da pessoa é a última, ou a proximal, causa conduzindo à ação. Nesse sentido, o agente é responsável por ela, mesmo que seja a ação que ele ou ela estivesse determinado a fazer. Devido a isso, compatibilistas, muitas vezes, mudam o requisito habitual para o livre-arbítrio (ou para a responsabilidade moral) que introduzimos na lição 1: “poderia ter feito de outra forma” para “poderia ter feito de outra forma se a pessoa quisesse ter feito outra coisa.” (Essa última causa basicamente significa, se o estado psicológico da pessoa tivesse sido diferente, que claramente não poderia ter sido. Mas isto não importa. O estado psicológico da pessoa é a pessoa em um sentido significativo, e o que quer que isso seja, isso (a pessoa) é a causa proximal para a ação). Tudo

isso, claro, ainda assume que coerção, força ou outras restrições externas tornam a ação não livre e removem a responsabilidade.

Aqui está um exemplo. Suponha que Andrew caminha pela rua e se depara com uma pessoa que tira uma arma e demanda dinheiro. O ato de dar o dinheiro para a pessoa de Andrew não é uma ação livre por causa da coerção. Em outra circunstância, porém, Andrew caminha pela rua e se depara com um sem teto que humildemente pede por dinheiro. Andrew foi criado por pais que pregavam a caridade e o encorajavam a ajudar os menos favorecidos. Além disso, sua família era inicialmente pobre e se beneficiou do auxílio de outros. Certamente podemos dizer que o caráter de Andrew foi formado por hereditariedade, ambiente e experiências passadas de modo que é determinado a dar dinheiro ao sem teto. Mas no final é SEU caráter que o causa a dar o dinheiro. E, portanto, de acordo com os compatibilistas, devemos dizer que ele é responsável e louvá-lo por suas ações.

Resumidamente, compatibilistas geralmente dizem que uma ação é livre se a causa imediata da ação é um estado psicológico na pessoa, e não é livre se sua causa imediata são estados de coisas externas ao agente. Também, compatibilistas compreendem que determinismo e responsabilidade moral devem andar de mãos dadas. Afinal, eles argumentam, recompensar ou punir alguém por uma ação apenas faz sentido se a ação flui em um sentido regular do caráter da pessoa.

## 2. SOLICITAÇÃO DE ESCRITA

---

Alguém viciado em uma droga é moralmente responsável por usá-la, mesmo não desejando ser um viciado? O que um compatibilista diria sobre isso? Explique. Você concorda? Por que ou por que não? Escreva alguns parágrafos.

## 3. AUTOCOMPATIBILISMO PROFUNDO

---

Compatibilistas tradicionais sustentam que pessoas agem com livre-arbítrio sempre que não somos restringidos ou forçados a executar a ação. Isto parece senso comum, no entanto, conduz a alguns problemas filosóficos, pois às vezes os desejos que nos levam a ações particulares não são idênticos a nossa vontade deliberada. Um viciado em drogas é um bom exemplo. Ele age por uma vontade de fazer uso da droga, mas deseja não ter essa vontade. Autocompatibilismo Profundo é uma forma de Compatibilismo introduzida pelo filósofo contemporâneo Harry Frankfurt. Ele difere do Compatibilismo tradicional, em que uma pessoa é considerada livre apenas se agir pelo que Frankfurt chama de desejos autênticos, desejos que a pessoa escolheu e com os quais se identifica. Livre-arbítrio é a habilidade de agir por vontades pelas quais verdadeiramente queremos agir. Se agimos por vontades impostas em nós por outras fontes, como pais, pressão de colegas, propagandas, ou vícios, ou se agimos por vontades sobre as quais não refletimos e escolhemos deliberadamente, então estamos agindo por vontades inautênticas e não temos livre-arbítrio. Um animal agindo por um desejo instintivo para comer não está exercitando o livre-arbítrio. De mesmo modo, Frankfurt argumenta que um ser humano que simplesmente age sem refletir por um desejo impulsivo não está exercitando o livre-arbítrio. Ele distingue uma pessoa, alguém que reflete sobre suas vontades e, portanto, tem livre-arbítrio, de um humano que não tem, a quem ele chama de um devasso e não de pessoa. Para ser uma pessoa, deve-se ter desejos autênticos, que em essência são desejos de segundo nível: um desejo de primeira ordem acontece quando "A" deseja fazer "X"; um desejo de segunda ordem acontece quando "A" quer desejar fazer "X". Um autêntico desejo é uma avaliação reflexiva de uma vontade de primeira ordem.

## 4. OBJEÇÕES AO COMPATIBILISMO

Comece perguntando aos alunos quais problemas possíveis eles veem no Compatibilismo. Com sorte, alguns alunos serão céticos a respeito de “poderia ter feito de outra forma se a pessoa quisesse ter feito outra coisa” ser suficiente para a responsabilidade moral ou notarão que, uma vez que começemos a avaliar se queremos desejar ações, podemos facilmente cair em um regresso infinito. No entanto, você pode precisar introduzir algumas ou ainda todas as críticas na discussão.

Em geral, críticas ao Compatibilismo tendem a girar em torno de questionamentos de se podemos ser moralmente responsáveis por nossas ações se são realmente determinadas pelo passado. Muitos filósofos sentem que o Compatibilismo é uma forma de evasão ou de subterfúgio, pois parece que levar o Compatibilismo a sério nos compromete a ser moralmente responsáveis por um futuro que não podemos alterar. Muitos acham isso irrealista.

Aqui está uma simples primeira versão da crítica. Paul Edwards apontou que não há diferença empírica entre Determinismo Radical e Compatibilismo. Ambos concordam nos fatos: eventos são determinados causalmente pelos eventos passados e frequentemente a causa imediata (proximal) de uma ação é o estado psicológico da pessoa. A grande diferença é como interpretamos esses fatos. O caráter da pessoa ser a causa proximal da ação torna a pessoa responsável? (Na verdade, esse é o X da questão no debate entre Deterministas Radicais e compatibilistas. Depois de passar por essas objeções ao Compatibilismo, você pode querer retomar essa questão e pedir aos alunos para refletir realmente sobre isso). Edwards argumenta que não, porque a pessoa não pôde escolher o seu próprio caráter. Está tão fora do controle da pessoa quanto tudo o mais. Então por que iríamos louvar ou denegrir a pessoa?

Aqui está uma versão mais formal da crítica. Peter van Inwagen é um filósofo que apresentou o argumento da consequência. Que é algo assim:

1. Ninguém tem poder sobre o passado e as leis da natureza.
  - Nossas ações futuras são consequência necessária do passado e das leis da natureza.
  - Se não temos poder sobre X, então também não temos poder sobre as futuras e necessárias consequências de X.
2. Portanto:
  - Não temos poder sobre nossas ações futuras.
  - Para sermos responsáveis por nossas ações futuras, devemos ter poder sobre nossas ações futuras.
3. Assim:
  - Não somos responsáveis por nossas ações futuras.

Premissas 1 e 2 parecem intuitivamente plausíveis. Para justificar a premissa 3, chamada de princípio de transferência de impotência, Rauhut dá o exemplo de Jamela, que nasceu sem os braços e, portanto, nunca aprendeu a tocar piano. Jamela não tinha nenhum controle sobre nascer sem braços e, assim, por sua vez, não tinha nenhum controle sobre não aprender a tocar piano. Portanto, o argumento *prima facie* parece ser sustentável. Esse argumento de consequência mostra que, enquanto os compatibilistas podem defender o ajuste da definição de livre-arbítrio para fazê-la ser compatível com o determinismo (adicionando a cláusula “se”) e assim permitir a formulação de uma teoria do livre-arbítrio, é uma noção de liberdade da vontade que não parece trazer junto consigo a responsabilidade moral e que, portanto, não é muito satisfatória.

### Dever de casa

RAUHUT, Nils Ch. *Ultimate Questions: thinking about philosophy*. 3. ed. [SI]: Pearson, 2010. p. 97-101. Já que este é um livro de leitura fácil, nenhum guia de leitura se faz necessário.

## DIA 4 – LIBERTARIANISMO

Conteúdo:	Método:
1. Libertarianismo (15 minutos)	1. Palestra
2. Sumário/resumo (15 minutos)	2. Discussão guiada
3. Preparação do debate (20 minutos)	3. Trabalho em grupo

### Orientações ao professor

Esta lição introduz o estudante ao Libertarianismo como uma solução para o problema do livre-arbítrio. Os estudantes devem ter lido sobre o tópico no texto de Rauhut como dever de casa, em preparação. A seguir haverá um resumo do tópico do livre-arbítrio. Finalmente, você deverá formar times e permitir que comecem a se preparar para um debate culminante em classe a ser sustentado na próxima e final lição.

### Objetivos e conceitos-chave

- Estudantes devem entender o Libertarianismo como uma solução para o problema do livre-arbítrio, bem como as críticas ao Libertarianismo.
- Estudantes devem entender as diferentes motivações gerais com as quais os filósofos abordam o problema do livre-arbítrio.
- Conceitos-chave: Libertarianismo, causalidade do agente.

### 1. LIBERTARIANISMO

Se voltarmos a nossa árvore de decisões para o problema do livre-arbítrio, Libertarianismo é uma aproximação Incompatibilista que é um ramo do indeterminismo. Ele sustenta que o futuro é aberto ao invés de determinado, e que temos o poder de moldá-lo. De acordo com o Libertarianismo, podemos imaginar dois agentes tendo exatamente a mesma experiência, porém, mesmo assim tendo ações diferentes. Então como as pessoas têm controle sobre suas ações? Existem explicações diferentes e, assim, diferentes versões do Libertarianismo. Discutiremos apenas a consideração da causalidade do agente, pois é a versão mais acessível.

Nessa consideração, seres humanos são diferentes de pedras, plantas ou outros objetos. Pessoas têm uma forma especial de poder causal, chamado causalidade do agente para distingui-lo de causalidade do evento. Se pensarmos de volta à lição dois, causalidade do evento é como uma peça de dominó caindo causar uma próxima peça a cair. É assim que funciona para todos os eventos físicos; todos os eventos físicos são necessários por eventos físicos prévios e assim determinados. No entanto, quando se trata de agentes, os libertarianos pensam que as coisas são diferentes. Agentes podem agir sem a ação ser resultado de eventos anteriores, sem que seja determinada pelo passado. Agentes têm um poder especial de causar algo sem ser sujeito ao determinismo causal; o agente pode agir espontaneamente para causar que algo aconteça sem que já estivesse determinado a isso. Esse poder é conhecido como causalidade do agente. Para ajudar a compreender a causalidade do agente, podemos usar a linguagem religiosa (apesar do Libertarianismo não precisar ser uma visão religiosa). É como se os agentes fossem seres semelhantes a Deus capazes de agir como um "primeiro motor imóvel" – capaz de causar eventos a acontecerem sem que nada e ninguém cause o agente a causar esses eventos a acontecerem.

Existe um número de críticas comuns ao Libertarianismo:

1. O que é causalidade do agente e como ela é realmente diferenciada de causalidade do evento? De acordo com o Libertarianismo, agentes, como uma necessidade metafísica, são plenamente responsáveis por suas ações por causa de uma distinção estrita entre causalidade do agente e causalidade do evento. Porém, isso parece contrário a como nós realmente atribuímos responsabilidade moral na vida quotidiana, na qual frequentemente atribuímos responsabilidade limitada aos agentes. Por exemplo, suponha que Ana está muito deprimida, tanto que frequentemente nem sai da cama. Nós normalmente pensaríamos que eventos no cérebro de Ana (tais como eventos bioquímicos) estão levando-a a agir dessa forma. Mas os libertarianos pensam que o que acontece no cérebro de Ana é apenas causalidade do evento, que não pode minar a liberdade de escolha de Ana. Essa visão parece pouco científica, não obstante, e os libertarianos precisariam responder a essa dificuldade tendo uma descrição clara de como e quando os eventos podem prejudicar a liberdade; qualquer conta assim arrisca minar a distinção clara e necessária entre a causalidade do evento e a causalidade do agente.
2. O Libertarianismo introduz a bagagem metafísica. Os filósofos, como outros, preferem simplicidade (como exemplificado pelo princípio da navalha de Ockham), que significa não introduzir entidades fundamentais desnecessárias. O Libertarianismo introduz duas novas entidades fundamentais (e misteriosas): agentes e causalidade do agente. Não seria melhor evitar esses compromissos?
3. O Libertarianismo parece comprometido a milagres. Para os libertarianos, algo muito especial acontece quando um agente causa uma ação: a ação acontece sem nenhuma causa anterior. Mas se não existem causas anteriores, como pode haver uma explicação do motivo de o agente ter feito o que ele ou ela fez? De acordo com a posição do Libertarianismo, qualquer ação livre tem o *status* de um milagre, pois interrompe a ordem natural das causas. Milagres são eventos que não se encaixam em nossa estrutura explicativa padrão. O livre-arbítrio, dessa maneira, torna-se um milagre, algo misterioso e inexplicável, o que não parece algo muito satisfatório.

## 2. RESUMO DO LIVRE-ARBÍTRIO

Lidere uma discussão guiada sobre onde os alunos pensam que as coisas estão, agora que eles cobriram todas as posições a respeito do problema do livre-arbítrio. À medida que você facilita, faça com que os alunos saibam que enquanto é relativamente fácil ver qual é o problema do livre-arbítrio e por que é importante, resolvê-lo parece ser bastante difícil. Todas as posições terminam parecendo misteriosas de uma forma ou de outra. Faça com que os alunos saibam que não há problemas em ter dificuldade de chegar a uma resposta. Apenas pensar sobre as diferentes possibilidades e os argumentos a favor e contrários pode nos ajudar a clarear como pensamos sobre nós mesmos e como nós nos encaixamos no mundo físico. Nesse sentido, este tópico vai muito bem com o módulo sobre a identidade pessoal.

Um ponto óbvio que você pode adicionar à discussão é que diferentes filósofos parecem tomar diferentes abordagens gerais sobre problema do livre-arbítrio desde o início. Alguns filósofos tendem a tratar o livre-arbítrio como uma pergunta metafísica que informa as nossas visões sobre a teoria do valor (responsabilidade ética/moral). Em outras palavras, começam com nossas intuições que os princípios do livre-arbítrio e do determinismo parecem ambos serem verdadeiros, reconhecem a aparente incompatibilidade entre eles e, então, tentam responder à pergunta metafísica de se ambos ou apenas um é realmente correto, e, se apenas um for, então qual. Dessa resposta, eles então atingem uma resposta sobre se nós genuinamente temos livre-arbítrio. Esses filósofos tendem a ser Deterministas Radicais ou Compatibilistas. Outros filósofos parecem começar com a ideia de que somos agentes morais e temos responsabilidade moral. Eles aceitam o argumento geral contra o Determinismo Radical apresentado na lição 2 como um ponto de partida. Então, eles tentam resolver o problema metafísico resultante de como considerar o livre-arbítrio dada a aparente incompatibilidade entre os dois princípios. Isto é, trabalham da teoria do valor e então tentam resolver a questão metafísica. Esses filósofos tendem a ser libertarianos ou compatibilistas.

### 3. PREPARAÇÃO DO DEBATE

---

Divida os estudantes em times para um debate a ser realizado na próxima lição. Nesses times, faça com que iniciem as preparações para o debate. Eles devem continuar suas preparações como uma tarefa de casa. Por favor, veja a próxima lição, “Dia 5 – Conclusão” para mais informações sobre o debate e a escolha dos times.

## DIA 5 – CONCLUSÃO

Conteúdo:	Método:
1. Debate em classe (50 minutos)	1. Debate

### Orientações ao professor

Esse exercício de debate em classe serve como uma atividade cumulativa para este módulo.

#### 1. DEBATE

Tópico do debate: Robert Harris não é moralmente responsável pelos homicídios que cometeu.

Existem muitas opções de como conduzir este debate.

1. Divida a maior parte da classe em dois times, prós e contras (deixe sobrar alguns alunos). O lado a favor argumentará pelo Determinismo Radical. Deixe o lado contra escolher argumentos compatibilistas ou libertários, como queiram.
2. Divida a maior parte da classe em dois times, como mencionado, e encarregue os alunos restantes como o júri, que votará o time vencedor do debate.
3. Divida a classe em quatro times: dois a favor e dois contrários. Um dos times contra será encarregado da defesa do Compatibilismo, enquanto o outro será encarregado do Libertarianismo. Sustente dois debates curtos. Os outros times podem atuar como júri para o debate no qual não estiverem participando.
4. Use algum outro formato; sinta-se livre para ajustar de acordo com, por exemplo, o tamanho de sua classe.

Como mencionado na lição prévia, os estudantes podem ser atribuídos aos times no dia anterior. Você pode escolher os times ou deixar os estudantes escolherem o lado que acham mais atraente. Uma boa forma de fazê-lo é abrir uma votação de qual posição os alunos acham mais forte (sem mencionar o debate ou os times), então atribua os times baseados em seus votos. Dessa forma, os alunos não tentarão apenas estar num time com seus amigos. No entanto, você provavelmente precisará ajustar os números um pouco. Os estudantes devem ter algum tempo para preparar o debate durante a lição 4. Sugira que o preparem também como dever de casa. Não se esqueça de lembrá-los de que eles precisam incorporar as posições filosóficas em seus argumentos.

#### 2. DEBATE

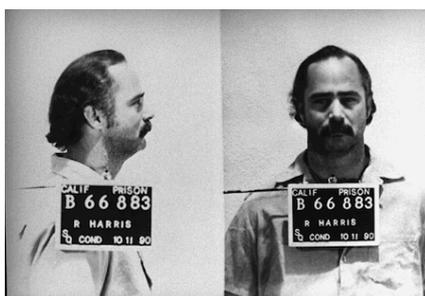
Independentemente do formato que decida usar, esteja certo de deixar um tempo após o(s) debate(s) para discutir as estratégias e os argumentos que as equipes usaram e quão efetivos foram. Se tiver um júri, peça a eles para esquematizarem os argumentos e respostas durante o debate, depois refira ao esquema enquanto discutem qual time ganhou e por que.

## Nota

Para mais sugestões de como realizar um debate significativo em classe, confira os seguintes sites:

- *Informação Geral sobre Debates* ("Communication Within the Curriculum", da Universidade da Pensilvânia). Disponível em: <<http://www.sas.upenn.edu/cwic/resources/db1.html>>. Acesso em: 17 jun. 2019.
- Índice geral de recursos para debates em sala de aula. Disponível: <[http://www.educationworld.com/a\\_lesson/lesson/lesson304b.shtml](http://www.educationworld.com/a_lesson/lesson/lesson304b.shtml)>. Acesso em: 17 jun. 2019.

## ANEXO



Robert Alton Harris<sup>1</sup>.

Robert Alton Harris<sup>2</sup> e seu irmão, Daniel Marcus Harris, sequestraram dois adolescentes de um restaurante de *fast food*, forçando-os a dirigir para uma área isolada. Depois que Robert atirou e matou os dois garotos, eles foram para a casa e usaram o carro roubado para assaltar um banco. Como os adolescentes estavam chorando com a possibilidade de serem mortos, Harris, enraivecido, disse que deveriam morrer como homens e atirou.

Harris tinha vinte e cinco anos quando matou os dois adolescentes. Os promotores disseram ao júri que ele provocou as vítimas antes que elas morressem, riu delas depois que ele puxou o gatilho, e, então, calmamente comeu os hambúrgueres que eles haviam comprado para o almoço.

Uma testemunha seguiu o carro do roubo, e a polícia prendeu os dois homens. Tanto Robert quanto Daniel Harris admitiram o sequestro e assassinato dos adolescentes para a polícia. No julgamento, Robert Harris admitiu ter roubado o banco, mas negou sequestrar os jovens ou ser responsável por seus assassinatos. Ele foi, no entanto, condenado à morte. O cúmplice Daniel Marcus Harris testemunhou no julgamento de seu irmão e foi condenado a seis anos de prisão no Estado pelo sequestro. Ele foi dispensado em 1983.

Harris nasceu três meses prematuro depois que sua mãe foi chutada tão brutalmente no abdômen por um marido furioso, que ela começou a sofrer uma hemorragia. Seus pais infligiam espancamentos frequentes – o pai com os punhos, quebrou sua mandíbula quando ainda não tinha dois anos. Sentado à mesa, se Robert buscasse alguma coisa sem a permissão do pai, ele acabaria com um garfo nas costas da mão.

Por esporte, o pai carregava sua arma e dizia às crianças que tinham 30 minutos para se esconder do lado de fora da casa, depois do qual ele as caçava como animais, ameaçando atirar em qualquer um que encontrasse. Nesta época, o jovem Harris começou a mostrar raiva por

<sup>1</sup> WIKIPEDIA – The Free Encyclopedia. *Robert Alton Harris*. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Robert\\_Alton\\_Harris#/media/File:Robert\\_Alton\\_Harris\\_1990.gif](https://en.wikipedia.org/wiki/Robert_Alton_Harris#/media/File:Robert_Alton_Harris_1990.gif). Acesso em: 1 jul. 2019.

<sup>2</sup> Este texto foi traduzido e adaptado de um artigo em inglês. Texto original: CLARK PROSECUTOR. Disponível em: <http://www.clarkprosecutor.org/html/death/US/harris169.htm>. Acesso em: 1 jul. 2019.

animais e pessoas. Seu pai foi preso por molestar sexualmente suas filhas, enquanto a mãe fumava e bebia até a morte.

Pesquisas mais recentes sobre comportamento fetal e neonatal indicam que todos os bebês estão bem conscientes de seu ambiente. São capazes de sentir dor e estão constantemente aprendendo com suas experiências. Essas descobertas científicas sustentam que a violência durante a gravidez e o nascimento é a sementeira de uma sociedade violenta.